

cidades@atribuna.com.br

Cidades

BS perderá R\$ 250 mi em salários

Total anual é estimado pelo consultor Rodolfo Amaral, com base no corte de 4 mil vagas na Usiminas em Cubatão, confirmado ontem

GUSTAVO T. DE MIRANDA

DAREDAÇÃO

Caso sejam concretizadas as 4 mil demissões planejadas na unidade da Usiminas em Cubatão, a Baixada Santista perderá quase 2% de sua massa salarial anual – o equivalente a R\$ 250 milhões.

A estimativa é do jornalista e consultor financeiro Rodolfo Amaral. Ela tende a se confirmar: ontem, a direção da empresa confirmou que a decisão é “inevitável”, a despeito da movimentação de lideranças políticas e sindicais da região para convencer a empresa a não paralisar suas operações locais.

“Nas atuais circunstâncias econômicas do País, esta é uma decisão inevitável até mesmo para a própria sobrevivência da empresa”. Por nota, a Usiminas afirma acumular prejuízo líquido de R\$ 2 bilhões entre janeiro e setembro últimos.

Outra queixa da Usiminas é

que a performance de três dos principais setores clientes de aços planos estão em dificuldades. “No acumulado do ano, o setor automotivo registrou queda de 20,1% na produção de veículos, os distribuidores de aço venderam 22,4% menos e o faturamento do setor de máquinas e equipamentos caiu 9%”, diz a empresa, por nota.

“Se o fechamento se concretizar, o Município fecha”, afirma a prefeita de Cubatão, Marcia Rosa (PT). Segundo ela, a Cidade já vem sentindo nos cofres os reflexos da crise sentida pela Usiminas. “Estamos trabalhando com o mesmo orçamento de 2008”. A estimativa municipal indica que a arrecadação própria cubatense é de R\$ 800 milhões. Metade disso se destina à folha de pagamento.

Veja e entenda, adiante, os motivos e reflexos da anunciada suspensão das operações da Usiminas.



NIRLEY SENA - 13/8/04

Direção da siderúrgica cita que dificuldades econômicas em setores que utilizam aço, como o automotivo, prejudicam negócios da empresa

Condesb esperava suspender decisão

■ A resolução da Usiminas foi anunciada ontem, horas depois que o Conselho de Desenvolvimento da Região Metropolitana da Baixada Santista (Condesb) aprovou uma moção pública pedindo que a empresa suspendesse a decisão por prazo de 120 dias e que não prosseguisse com o plano de demissões.

Para esse período, o órgão propôs a criação de uma comissão que elabore medidas para proteger a siderurgia nacional. “Devido à gravidade do momento, isso não autoriza movimentos isolados. Vamos caminhar conjuntamente, com os deputados, o vice-governador, todos as lideranças, independentemente de preferências”, afirma o presidente do Condesb, Paulo Alexandre Barbosa (PSDB), prefeito de Santos.

ALEGAÇÕES E RESPOSTA

As lideranças políticas presentes ao encontro de ontem, que ocorreu na sede da Agência Metropolitana da Baixada Santista (Agem), em Santos, se disseram surpresas com a decisão da Usiminas de desativar áreas primárias em Cubatão e concentrar a produção de aço bruto na sede, em Ipatinga (MG).

A prefeita de Cubatão, Marcia Rosa, disse ter sido sur-



CLAUDIO VITOR VAZ

Marcia Rosa declarou ter sido surpreendida, e Paulo Barbosa (de lado) salienta “a gravidade do momento”

preendida. “Na quinta-feira, recebi um telefonema do presidente da Usiminas, Rômelo Erwin de Souza, dizendo que a Usiminas ia parar a produção da siderúrgica de Cubatão”. Para ela, faltou diálogo. “Primeiro, se conversa”, queixa-se.

A mesma reclamação fez o presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias

da Construção e do Mobiliário da Baixada Santista (Sintracomos), Marcos Braz de Oliveira, o Macaé. “Foi uma coisa que aconteceu de repente. Temos que nos ajudar neste momento, para que não aconteça essa catástrofe em Cubatão”, afirma.

A Usiminas, em nota, refuta as críticas. A empresa explica

que, há anos, a sociedade tem sido alertada sobre a crescente falta de competitividade da indústria nacional. “Apenas nos primeiros nove meses deste ano, a crise fez com que o consumo por aço no País fosse 14% menor do que o do mesmo período de 2014, que, por sua vez, já havia sido 5,5% menor do que em 2013”, justifica. (GTM)

Crise afeta Cubatão, com receitas iguais às de 2008

■ Segundo a prefeita Marcia Rosa, Cubatão já vem sentindo nos cofres os reflexos da crise sentida pela Usiminas. “Estamos trabalhando com o mesmo orçamento de 2008”.

Estima-se que a arrecadação própria seja de R\$ 800 milhões, metade dela para a folha de pagamento. “Com os outros R\$ 400 milhões, você não consegue bancar saúde, educação, transporte, hospital. Realmente, a Cidade fecha”.

Marcia se vale do exemplo da Engebasa, empresa que produz torres eólicas ao lado da Usiminas. “O aço *passa* praticamente pelo muro. Se ela tiver dificuldade de acesso à matéria-prima, não é interessante para ela continuar em Cubatão”.

Para ela, os impactos podem atingir outros setores. As cimenteiras, por exemplo, trabalham com o resíduo do aço, em torno de 40 mil toneladas por ano. “Temos duas na Cidade”.

A prefeita comenta que, em 2009, a empresa também afirmou que demitiria e fecharia. “O aço que vinha da China não tinha alíquota. Fizemos uma comissão, fomos a Brasília e conseguimos fazer com que o aço da China recebesse uma alíquota. Assim, o nosso aço ganhou competitividade. A

Contas

“Com R\$ 400 milhões (dos R\$ 800 milhões de receita própria estimada), não se consegue bancar saúde, educação, transporte, hospital. Realmente, a Cidade fecha”

Marcia Rosa, prefeita de Cubatão

gente vive no capitalismo, e ele precisa buscar mais a parte social, porque sempre quem perde é o trabalhador, a dona de casa”.

ENCONTROS

À tarde, Marcia Rosa se reunirá hoje, em Brasília, com o ministro do Trabalho e da Previdência, Miguel Rossetto. Ela viajará com um membro do Ciesp e o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos local, Flôrencio Resende de Sá.

A prefeita ainda disse que estará no dia 12 com o diretor-presidente da Usiminas, Rômelo Erwin de Souza. Seria hoje, mas, segundo Marcia, ele pediu adiamento. (GTM)

Empresa vê aço excedente e baixo valor

■ Para a companhia, o mercado externo também não oferece boas condições para negócios. “Os preços internacionais estão bastante depreciados. Há um excesso de capacidade produtiva de aço no mundo”.

As medidas anunciadas recentemente seriam uma “resposta a este cenário desafiador”. O ápice do cenário preocupante é a paralisação do alto-forno 1 na Usina de Ipatinga, e do alto-forno 1 e do laminador de chapas grossas em Cubatão.

Diante da queda progressiva da demanda por aço afetando seus resultados e da falta de perspectivas econômicas positivas no médio prazo, a Usiminas concluiu estudos que apontaram a necessidade de desativar

Entraves

Omar Silva Júnior, ex-presidente da antiga Cosipa, afirma que 30% do aço consumido no Brasil tem sido importado e que falta ao País competitividade para exportar.

temporariamente as áreas primárias e operar apenas com as laminações a quente e a frio em Cubatão.

EXPERTISE

Ex-presidente da antiga Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa), onde atuou de 1977 a 2005, o secretário de Desenvol-

vimento Econômico de Santos, Omar Silva Júnior, atribui a situação à queda de consumo do mercado interno e à importação de aço.

“O Brasil consome 25 milhões de toneladas por ano. Praticamente 30% do que está sendo produzido aqui está sendo importado. A demanda da gente, em vez de 25 milhões, são os 16 milhões que o mercado interno consome”, analisa.

Para ele, uma alternativa “seria exportar. Mas a gente é pouco competitivo. Isso que está acontecendo com a Usiminas está acontecendo com a Gerdau, com a CSN. Só vai se resolver quando a gente baixar custos e encontrar alternativas de consumo”. (GTM)

Situação prejudicará cofres municipais

■ Caso sejam concretizadas as 4 mil demissões na Usiminas, a Baixada Santista perderá cerca de R\$ 250 milhões na massa salarial anual da região.

A estimativa é do jornalista e consultor financeiro Rodolfo Amaral. Ele se baseou no custo médio de cada trabalhador da área siderúrgica na Baixada – um universo de 117.285 colaboradores diretos e indiretos envolvidos na produção do aço.

A previsão é de que as perdas representem 1,82% da massa salarial regional do pessoal ativo, ou 12,82% do total de salários pagos aos trabalhadores de Cubatão.

O cenário é ainda pior se considerado o impacto fiscal em toda a região, diz Amaral. “Se

esses R\$ 250 milhões estivessem circulando nos supermercados, padarias, só a carga fiscal gerada daria em torno de R\$ 90 milhões por ano. Isso não vai ser sentido pelas prefeituras agora, mas talvez até 2017. É menos dinheiro na Saúde, na Educação”.

O levantamento também mostra que a Usiminas perde expressão na produção nacional de aço. Em 1998, respondia por 29,28% do aço bruto do País. Em 2014, por 17,86%.

“Nos últimos anos, a indústria do aço vem reclamando da excessiva carga fiscal que recai sobre a atividade, em especial os impostos e contribuições incidentes sobre o Valor Adicionado. A discussão para rever-

ter as demissões em Cubatão passa pela análise do tema pelas autoridades”, diz.

CÍRCULO VICIOSO

O impacto da situação na Usiminas, principalmente nos setores de comércio e serviços, poderá se prolongar até 2017.

Segundo Jorge Manuel de Souza Ferreira, professor de Economia da Universidade Santa Cecília (Unisantia), “sem emprego, a família gasta menos, o comércio perde venda e demite. Assim se inicia o processo de degradação econômica. Só termina quando houver reequilíbrio. E a previsão para 2016 não é boa”.

COLABOROU SHEILA ALMEIDA